

LITTERATURA

Uma página de George Sand

TRADUÇÃO

Tudo isto era bello pela força e pela graça: a paisagem, o homem, a creança, os animaes, a charrua, e, sobre tudo, apesar d'aquella lucta em que a terra era vencida, pairavam a calma e a tranquillidade que encantam e que seduzem.

Quando o obstaculo era superado e que o trabalho retomava a sua marcha igual, o lavrador, cuja fingida violencia não era mais do que uma exuberancia de vigor e um excesso de actividade, readquiria a serenidade das almas simples, e olhava sorrindo paternalmente para a creança, que lhe sorria tambem. Depois, a voz masculina do pai de familia entoava o canto solemne e melancholico que a velha tradição do paiz transmite, não a todos os lavradores indistinctamente, mas aos mais habéis na arte de excitar e de sustentar o ardor dos bois de trabalho.

Esse canto, cuja origem foi talvez considerada como sagrada e ao qual attribuiram outrora mysteriosas influencias, é reputado ainda hoje como possuidor da virtude de entreter a coragem dos animaes, de acalmar os seus descontentamentos e de encantar o aborrecimento do seu longo lidar.

Não basta saber conduzir os traçando o sulco perfeitamente rectilíneo, e aligeirar-lhes a pena levantando ou enterrando a relha: não é perfeito lavrador aquelle que não sabe cantar aos bois.

O canto não passa de uma especie de recitativo interrompido e continuado a vontade.

A sua forma irregular e as suas falsas intonações tornam-o intraduzível, segundo as regras musicas.

Mas nem por isso deixa de ser agradável e tão apropriado á natureza do trabalho a que serve de acompanhamento, ao passo dos bois, ao silencio dos logares agrestes, á simplicidade d'aquelles que o entoam, que nenhum genio extranho ao trabalho da terra seria capaz de invental-o e nenhum cantor, que não um FIXO LAVRADOR, poderia cantal-o.

Nas epochas em que não há no campo outro trabalho além da roteação, esse canto, tão doce e tão poderoso ao mesmo tempo, espalha-se serenamente nas azas da brisa, que parece repetil-o nos seus murmúrios saudosos.

A nota final de cada estrophe, sustentada com uma força de alento incrível, sobe um quarto de tom, forçada systematicamente.

É uma toada selvagem, mas de um encanto irresistível; e, quando a elle já se está habituado, parece que um outro canto não poderia elevar-se ali sem quebrar a harmonia d'aquelles logares.

Eu tinha então ante os olhos um quadro que contrastava inteiramente com o de Holbein, embora o scenario fosse o mesmo: Em logar de um pobre velho, um homem moço e bem disposto; em logar de um tiro de cavallos magros e extenuados, tres tiros de bois robustos e ardentes; em logar da morte, uma creança angelica; em logar da imagem do desespero e da idéa da destruição, o espectáculo da energia e o pensamento da felicidade,

Foi então que os quatro versos que encimam estas linhas e a phrase de Virgilio me voltaram ao espirito, e que, vendo aquelle homem e aquella creança exercerem, em condições tão poeticas, um trabalho tão cheio de grandesa e de solemnidade, me senti inteiramente atraído para semelhante vida.

Feliz o lavrador!

Si eu estivesse em seu logar, si o meu braço fôsse bastante robusto e o meu peito bastante forte, podia tambem fecundar e cantar a natureza, sem que os meus olhos deixassem de ver e o meu cerebro cessasse de comprehender a harmonia das cores e dos sons, a gentileza dos tons e a graça dos contornos, em uma palavra — a belleza mysteriosa das coisas, — e, sobretudo, sem que o meu coração deixasse de estar em relação com o sentimento divino que presidio á creação immortal e sublime.

Mas aquelle homem jamais comprehendeu o mysterio do bello, e aquella creança não o comprehenderá nunca.

Deus me livre de acreditar que elles não são superiores aos animaes que dominam e que não tenham por instantes uma especie de revelação extatica que lhes adoce a fadiga e adormeça-lhes os cuidados.

Vejo em suas fronteiras o selo do Senhor, porque elles nasceram reis da terra.

E a prova de que sentem a sua grandesa, é que ninguém os expatriaria impunemente, é que elles amam aquelle solo banhado com o seu suor, é que o verdadeiro camponez morre de nostalgia sob o arnez do soldado, longe do canto que o vio nascer.

Mas falta-lhes uma parte das alegrias que eu góso, alegrias immateriaes, que bem devidas lhes eram, a elles, obreiros do enorme templo, ao qual só o céu tem amplidão bastante para servir de cupula: falta-lhes o conhecimento do seu sentimento.

Aquelles que os condemnaram á dependencia desde o nascimento, não podendo tirar-lhes a idéa, tiraram-lhes a reflexão.

Pois bem: taes quaes são, incompletos e condemnados a uma eterna infancia, impõem-se mais á minha sympathia do que aquelles em quem a sciencia suffocou o sentimento.

FIM

NOTICIARIO

Theatro

4.^a RECITA—O FIACRE 226

Si ha drama que mais sublimidade apresentasse o nosso Santa Izabel, O FIACRE 226 é um d'elles.

A noite de Sabbado esteve magnifica!

O céo era estrelladissimo, o mar nem um doce murmúrio si quer fazia ouvir-se, uma aragem amabelissima e suave trazia-nos um aspecto um tanto mais brando, mais confortado, finalmente a noite era brilhante!

E mesmo assim com todas essas sublimidades, o espectáculo não teve uma regular concurrencia como era de supôr-se.

Até então as noites erão chuvasas....

Com tudo Cardoso da Motta, com a sua excellente troupe representaram com muita perfeição O FIACRE 226.

Cardoso da Motta, (João Claudio) esmereu-se perfeitamente e sempre animado no papel que sustentou.

A Sra. Luiza Leonardo, (Geneveva) esteve sempre sublime, sempre correcta. O desempe-

nho de sua parte foi magnifico, cheio de bastante arte e gosto.

Phebo (Pedro) não deve-se deixar de admirar; porque o desenvolvimento naturalista e de muita sentimentalisação de seo papel, foi applaudido geralmente.

Peixoto, (coronel Rogerio e Moral) teve uma facilidade espantosa no desempenho de sua parte.

A Sra. Delphica (Joanna), esta esforçou-se muito e muito para dizer o seo papel e merecer muitos applausos.

Guimarães, (coronel Henrique) exhibio-se regularmente, com tudo não deixámos de apreciar-o e Caetano Alves (Luigd) desenvolveo-se com pouca differença de Guimarães e... eis terminado o espectáculo de Sabbado.

* * *

Passemos ao domingo.

5.^a recita—Os DOIS SARGENTOS.

Já o Simões quando aqui esteve representou este excellente drama.

Não queremos dizer com isto que o actor Simões representasse melhor o drama, mas achámos que a TROUPE de Cardoso da Motta desempenhou-o de um modo um tanto mais admiravel em certas scenas comoventes em que o povo ficou bastante animado.

Foi um desempenho triumphante.

A VIAGEM Á VOLTA DO MUNDO EM 80 DIAS Á PÉ, executada pelo sympathico actor Peixoto, cujo desempenho extraordinario em qualquer genero que trabalhe é bastamente magnifico, esteve optima!

A execução de sua parte foi graciosa e agradável e pegue lá um BRAVO! pelo desenvolvimento bom da peça.

No archivo

Temos recebido:

Os ns. 25, 26 e 27 do CORYMBO, revista mensal que se publica em Porto-Alegre.

Uma leitura amavel e magnifica, o CORYMBO veio nos trazer.

E' um jornal utilissimo, muito a par do estylo, digno de ser lido e apreciado admiravelmente por todas as mentalidades brasileiras.

Uma pagina do CORYMBO é tão scintilante, tão attraente como a luz nervosa e poetica do crepusculo, quando a tardinha o sol descamba no poente e ergue-se a lua do outro lado do céo!

E' redactora e proprietaria do CORYMBO, a illustre e notavel poetisa, a Exma. Sra. Revocata Heloisa de Mello, cujo grandioso talento admiramos bastante.

Agradecemos a visita que o collega dignou-se fazer-nos e havemos tambem humildemente visital-o.

A—FOLHA DE MINAS, de Cetagazes, cuja leitura é agradávelissima e muito util a escola moderna.

—O GLOBO de Maranguape (Ceará) de pequeno formato, mas com muita nitidez na impressão e muita elevação de estylo.

A—IMPRESA EVANGELICA de S. Paulo.

E' um jornal importante:

Combate com favoraveis bases o nosso modo de encarar a religião christã.

Mostra o direito e corrige os erros.

—O TRABALHO que apparece semanalmente na pittoresca e adiantada cidade da Laguna, n'esta provincia.

E' bem escripto e desenvolve perfeitamente o seu programma: defende as cousas de que carece o engrandecimento da imprensa, da patria e do progresso.

E' um de seus redactores o nosso amigo e correspondente na cidade, o Sr. Carlos de Faria, poeta inspirado e talentoso cidadão.

(Continúa)

Gratidão

Eu vivia embrenhado em mundos ideaes,
a lutar na mudez das cousas vegetaes,
sem ter a Protecção,—irmã da—Liberdade
das almas dos heróes, a mão da Caridade,
que arranca como voz, da funda solidão,
um filho como eu aos olhos da—Nação
aclarando o Ideal, guiando o pensamento
na senda do Porvir, na estrada do talento.
à luz da illustração !

Sereis o protector do filho do silencio
herdeiro de seus cantos
e eu o heide abençoar immerso na sciencia
mais pura, inda mais pura immaculada e santa
do que a mystica essencia
Do gorgoeio de uma ave ao sonho de uma flor !

Então vereis senhor:
n'um diluvio de esp'rança aos riso d'uma aurora,
eu cantos expandir pela existencia a fóra;
assim como se expande ao azul do Oceano
O sol da Humanidade,
ardente como o gladio em campo de batalha
guiado por um Deos, senhor da Immensidade !

Então vereis senhor:
eu como Cesar forte heróe como Catão
soltar brados altivos,
fazendo despertar nos pampos os heróes
em nome dos captivos
p'ra virem como outr'ora, ardentes como sôes
lavar da nossa patria o sujo pavilhão
e matar o Titão
que é surdo a voz da Luz e segue a Escuridão !

Então vereis senhor:
a penna do poeta, e força de seo craneo,
saber agradecer a voz que o levanta,
a mão que o conduz a radiosa estrada
onde rebriha o sol da imprensa consagrada,
esse colo-so vasto altivo e soberano,
que deu-nos Gutemberg, esse talento nobre
para animar a Arte e levantar o pobre !

Então vereis senhor:
no peito da pobreza um grande coração
que a pouco despertou do infame captivo,
sereno como Christo ao lado de Pilatos
erguer de pólo a pólo a voz da—Gratidão !

Desterro—1887.

TIMOTHEO MAIA

Logogripho

AO CIDADÃO LYDIO BARBOSA

Aqui tens cidade brasilia, 13, 18, 8, 9, 17, 6.

E tambem fructo gostoso 4, 18, 19, 9, 19.

Procura bem este homem, 5, 16, 13, 14, 4, 18.

Em qualquer rio abysmoso. 4, 14, 13, 18.

Outra cidade te dou 18, 8, 13, 9, 3, 17, 19.

Que esta ideia proclamcu 1, 12, 18, 13, 7, 15, 16, 18.

No combate teve glorias, 2, 9, 4, 5, 9, 11.

Sempre em tudo triumphou.

Sem mancha è limpido seu céu 10, 11, 8, 18.

Desde esta luta sangrenta

Não temeis, salvai a patria,

Terminai o soffrimento.

ALICE DE ALENCAR

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1887.

Brindes

A respeito o nosso anniversario, o JORNAL DO COMMERCIO d'aqui e de 17 do corrente, disse:

« Completou hontem o seo primeiro anniversario O CREPUSCULO, organ litterario e noticioso que semanalmente se publica n'esta capital.

Parabens. »

Agradecemos.

AMOR

Ao poeta Timotheo Maia

Quem é que nunca sentio n'alma, os effectos de um amor puro, e santo? Quem pode deixar de amar, estando perto d'este grande atractivo da belleza: a mulher; escutar-lhe a meiga e cariñhosa voz, colhendo d'aquelles labios um sorriso, d'aquelles olhares um raio, e junto d'ella sonhar chimericas venturas, pintando de mil côres o quadro do presente, fitando através d'este, o futuro?!

Ah! como é doce amar, sonhar na fragil rêde de illusões, embaçado pelo vento do desengano, mil venturas, ao ver do amor raiar a doce aurora!!!...

BRIGIDO PEIXOTO.

Desterro, 43—Abril—88.

O visconde e a viscondessa

(Contos ideaes)

AO ILLUSTRÉ LETTERATO FIRMINO COSTA

Era noite!

A luz serena e merencorea do luar baixa em cheio no mar, na terra, nos bosques e nas flores.

N'este instante eu absorto contemplava a lua que rolava mudamente pelo infenito a fóra.

E a sua luz crystallina guarnecia o céu de esplendore;!

E as flores todas em grupo formavam doces contornos, contornos cheios de aromas, contornos feitos de luz a branca luz do luar, na téla azul d'ampidão; ah! eram os contornos santos das alvas faces de Venus!

Era uma noite romântica, uma noite harmoniosa, cheia de muito vigor e cheia de muita alegria.

Posto que fizesse muito frio n'aquella noite silenciosa, frio que me aborrecia algures; com tudo não deixei de continuar a apreciar-a.

Eu estava pairado n'uma esquina. A cada passo figurava-se-me no ideal como que um cantor ridente de mimosos canários.

N'este instante, isto é, no momento em que eu tinha aquella imaginação, passava por mim um homem altivo, um cidadão robusto e bem trajado. Eu desconfiava que elle era o Sr. Visconde.

O visconde ia mordendo um havana de tostão.

Era um homem bonito, alto, gordo, vermelho, falla grosso e costumava todas as tardes á doce luz do sol posto, passando e repassando entre os dedos uma galante bengala, dar um passeio.

Passando elle por uma larga rua, ouviu a voz d'um echo exprimir-se assim: Bravo! Sr. visconde, anda passeando?!

O visconde nada disse; talvez por não querer responder ao echo, mas eu entendo que o visconde praticára mal, antes tivesse-o respondido... no entantanto si por acaso fosse essa pergunta feita por alguma *mademoiselle, d'un coup-d'oeil deshire* talvez que promptamente o visconde respondel-a-hia, não?

Ora não seja orgulhoso, ora essa! nem o Sr. Diabo do Eça de Queiroz, que é o Sr. Diabo, é tão orgulhoso!

Dirigia-se o visconde á um bilhar aonde pretendia divertir-se muito e de onde pretendia obler alguma fortuna!

Ahi encontrou-se elle com um Sr. Barão, e, convidou-lhe para uma partida, á cognac e a meedias!

Ambos eram ricos e manejavam bem o *crystal*.

O visconde era um *pichote* de força e o barão um jogador de *contas*.

Que personagens!

O visconde perdera muitas moedas, muitos *cognacs* e muitas partidas...

O barão porem inspirou-se muito, e muito....

O visconde durante as partidas fallava altamente, g itava muito.

O som da voz de sua falla ouvia-se na rua, aonde passavam uns rapazes.

..

Passava por um aciso a Sra. viscondessa pelo bilhar.

A sua *toilette* era deslumbrante o frú ruidoso de seo vestido azul, fazia muito barulho e como o barão já tivesse visto a viscondessa com semelhante traje e tivesse tambem ouvido e cantar desafinado dos babados, dirigio-se ao visconde e disse-lhe:

Não falle tanto Sr. visconde, vai passando a Sra. viscondessa!

Desterro, 17—3—88.

SABBAS COSTA.

ROMANCE

IBRANTINA

POR

ERNESTO F. NUNES PIRES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO VI

Rogério estava aterrado, tenta fugir mas todas as portas estavam feixadas.

E' preciso agora o leitor saber que em todos os quartos Rosalina postara sentinellas; e, junto a janella que dava para o parque estava uma força as ordens de Alfredo. Ignorando isto, Rogério tenta abrir a janella com a ponta do punhal.

Abrindo-se ella inesperadamente, Rogério pode ver o quadro horrivel que desenhava-se á sua vista; e vendo Alfredo saltar para dentro, comprehendeu então o alcance da vingança de Rosalina.

Recopetando novamente o sangue-frio pode interrogar Alfredo:

— () que quer o Sr. em minha casa? o que isto significa?

— Nada Sr. Rogério de Muret, respondeu Alfredo, simulando calma, uma unica surpresa que ali fora, preparava-lhe caso o Sr. quizesse fazer um exercicio ginnastico por aquella janella.

— E aquella força não me dirá para que serve?

— A surpresa está ahi.

— Aquella força servia para aplaudil-o com uma carga de bayonetas ou com ameichoas d'aquellas ameichoeriras, respondeu-lhe Alfredo, apontando para as armas dos soldados.

Rogério ainda mais colérico ainda brada:

— Mas isto é uma infamia! é uma valania! Com que direito entrou o Sr. aqui? Ah! sim, agora recorde-me, o Sr. penetrou em minha casa por queixas dadas por uma messalina que loucamente dei-lhe o titulo de esposa. Ha pouco essa mulher sursiu-me os ouvidos com historias de crimes, o que ella ha de provar, perante os tribunaes!

— Ella não soffrera esse incommodo, posso garantir, tornou Alfredo. Quem ha de responder o interrogatorio perante os tribunaes ha de ser o Sr. e não ella.

— Não importo-me com isso, o que quero saber é o que faz aquella força alli?

— Já, tornou Alfredo, quer saber que surpresa foi esta vou contar-lhe, prevenindo-o antecipadamente que a minha historia é comprila e por tanto deve ouvir-a sentado.

— Assim estou bem, mas, mande retirar aquella gente.

— Oh! n'essa é que eu não cahio... o mais que poderei fazer é entrarmos para aquella quarto...

— As portas estão feixadas.

— Tanto melhor, conversaremos aqui.

E assim principiou:

— Naturalmente o Sr. deve estar esquecido da representação do soberbo drama de Rogério de Muret, intitulado *Parricida*, e que o Sr. fez o papel de heroe, é uma reprodução que aqui vamos fazer...

— Dispensó essa reprodução.

(Continúa)